

Não é aquela sua amiga?

O que esperar do mundo quando não se sabe nem o que esperar da própria mãe?

Tati Bernardi

Escritora e roteirista de cinema e televisão, autora de "Depois a Lúcia Sou Eu"

Calhou de a mulher aparecer no mesmo hotel em que eu estava com a minha filha. De dentro da piscina, eu a vi chegar ao restaurante que ficava logo em frente. Mex corpo e virou. Minha filha também a viu e perguntou: "Não é aquela sua amiga?". Respondi, com uma voz agitada e infantilizada, que "não mais. Não gosto mais dela. Acabou. Brigamos. E eu não gosto mais dela. Entendeu?". A gente brigou. E o lance toda da amizade acabou mesmo. Brigamos. E nem gosto mais de-

la. A mamãe não gosta mais dela". Eu repeti a mesma frase 30 vezes e foi como se meu analista soubesse do ralo da piscina para fazer aquela carinha marota de "ôpa, tem coisa aqui, né, querida? Vamos olhar pra isso com coragem?". Minha filha me contou que empurrou a Julia na fila do pool-pula, na festa da Lorena. E que a Julia a empurrou de volta na fila do elevador em queda livre. Depois disso, é que na hora de cantar os parabéns das jéus estavam gradadas novemen-

te. Então, tudo bem, isso passa. Foi seu conselho para mim. Despegi que a vida de uma mulher de 44 anos fosse fácil assim. O empurro que dei é leve, em relação a essa ex-amiga, cujas tantas questões psicológicas e financeiras que talvez eu preferisse subir mil vezes seguidas naquele despraga de elevador em queda livre da festa da Lorena (eu cheguei cedo ao evento, a tempo de ser levada pelo meu filho para experimentar o brinquedo, e com a graça de Deus havia um Vonau sub-

lingual 8 mq na minha bolsa). Mesmo morta de fome, virei uma uva passa humana dentro da piscina. Rita me implorava, pela primeira vez em seis anos de existência: "Manhê, quero feijão". "Não, filha, vamos esperar a Juliana sair do restaurante. Não quero ter o desprezo de cruzar com ela. Porque eu não gosto mais dela. Brigamos." A coisa da amizade acabou. E assim quando nos tornamos adultos esfleados pela vida (e por danos contratuais). As coisas morrem e nenhuma

mesa de bolo com docinhos nos saía ao final.

Cheguei ao restaurante quase no final da tarde. Uma senhora veio correndo e me segurou pelo braço: "É você? Nossa! É a neta também está aqui, você viu? Que coincidência, não? Eu amava tanto o programa de vocês! Pena que acabou! Eu me raiosava todo! Posso tirar uma foto com as duas juntas?". Minha filha olhou para a senhora e saiu mais depressa. Brigamos. E assim quando nos tornamos adultos esfleados pela vida (e por danos contratuais). As coisas morrem e nenhuma

Estava indo me sentar (talvez detax, tamanha hipocresia) quando a diátria surgiu com uma aparição de Nossa Senhora na minha frente (usava uma saia de praia ampla e clara), com sua insólita beleza sempre escamoteada pelo tipinho "mas uma garota normal de óculos"

que ela gosta de imprimir socialmente. Perguntou se eu queria dividir uma mesa com ela e seu filhinho, e me vi berrando que sim. Quero! Minha filha perplexa. O que esperar do mundo quando não se sabe nem o que esperar da própria mãe?

Cara a cara com meu desafeto e tudo o que ele invocava, não pude controlar meus olhos e me dobrei completamente em sua direção. Mergulhei meu lábio em chamas na bochecha de ar condicionado que ela me ofereceu. Tive vontade de enfiar meu rosto inteiro dentro do seu coração. Tive vontade de contar que, entre tantas idades, ainda tenho a idade de minha filha — e pedir compensação para o pool-pula e o bolo (o elevador não). Mas escolhi uma mesa distante.

Por que a gente decide não gostar mais de quem a gente ainda ama?

80m, Antonio Prata | 180m, Márcia Castro, Giovana Madalosso | 110m, Vera Iaconelli | 10m, Itana Szabó de Carvalho, Jairo Marques | 10m, Sérgio Rodrigues | 10m, Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Derrite privilégio ex-oficiais da Rota na cúpula da PM de SP

Para especialistas, mudança pode ser indicativo de endurecimento nas ações

Rogério Paganini e Carlos Petrólio

SÃO PAULO. A nova configuração da Polícia Militar de São Paulo, resultando da troca de 34 coronéis promovida pelo secretário Guilherme Derrite (Segurança), aponta para um possível recrudescimento na política de segurança do estado. Com as mudanças, os cargos mais importantes da instituição agora são ocupados exclusivamente por coronéis com experiência na Rota.

Para especialistas ouvidos pela Folha, os movimentos do governo Tarcísio de Freitas (Republicanos) indicam uma opção pela força bruta em detrimento da inteligência policial. A gestão afirma que as alterações fazem parte da rotina da PM.

A Rota (Bombardeiros Tómba de Aguiar) é uma tropa de elite da PM paulista que ganhou fama pelo alto índice de letalidade em supostos confrontos com suspeito.

Na nova PM de Derrite, até mesmo o comandante da Coregência tem passado rotatório (como seus predecessores conhecidos). Para a função, foi nomeado o coronel Fábio

Sérgio do Amaral que estava na Academia Militar do Barro Branco desde o ano passado, em contra troca de coronéis feita por Derrite.

Na lista de ex-Rota, além do próprio comandante-geral da PM, Cláudio Araújo de Freitas, que foi mantido no cargo, vêm os coronéis José Augusto Coutinho (nomeado para subcomando-geral), Valmor Saraiwa Raciotti (para o Choque) e Geníl Espinosa de Carvalho Júnior (para a Coordenadoria Operacional).

Carvalho, como é chamado na PM, assume todo o planejamento e emprego de tropa no estado. Tornou-se responsável pela organização de polícias militares de eventos como Carnaval, F-1, Operação Verão e visitas de autoridades. Pela importância da função, é considerado o número três da corporação.

A lista de ex-Rota se completa com o coronel Pedro Luís de Souza Lopes. Ele deixa a Assessoria Militar da Secretaria de Segurança, ligada diretamente a Derrite, para comandar o Centro de Inteligência da PM. O órgão realiza acompanhamento da conjuntura da criminalidade no es-

tado e do crime organizado. Lopes, segundo coronéis ouvidos pela Folha, é um dos oficiais envolvidos em escândalo de escutas clandestinas na sede da Corregedoria da Polícia Civil de São Paulo, em 2017. Na época, de eram dois capitães que trabalhavam na Assessoria Militar do Ministério Público.

Sobre a investigação envolvendo Lopes, a Secretaria da Segurança diz que o caso foi investigado e arquivado. O oficial não quis comentar.

A movimentação de 34 coronéis da PM paulista provocou uma crise na cúpula da segurança pública. Oficiais ouvidos pela reportagem afirmam que tiveram conhecimento das mudanças pelo Diário Oficial, em uma atitude considerada totalmente desprestigiada com policiais que dedicaram anos na corporação.

Os coronéis disseram ter ficado revoltados com a ação declararam guerra a Derrite. Para o coronel da reserva Elias Miller da Silva, diretor-geral da Federação Nacional das Entidades de Oficiais Militares Estaduais, o episódio envolvendo o alto comando da PM paulista é um caso extremamente grave e prejudicial.

“A Rota tem gente muito qualificada, mas que é treinada para ir para cima do problema e enfrentá-lo. A tecnologia pode selecionar melhor onde a Rota poderia atuar e como. Parece que a opção do secretário por enfrentar tudo e todos desconsidera evidências e responde apenas a lógica eleitoral”

Renato Sérgio de Lima, diretor-presidente do Fórum de Segurança Pública

ao final, o trabalho de segurança oferecido à população. “Muitos ficaram sabendo pelo Diário Oficial. Você não faz isso com a direção de qualquer órgão, qualquer empresa, pública ou privada. Isso é grave, muito mais numa instituição militar, muito mais. À medida que eu não protejo o alto comando, eu fragilizo toda a instituição. Não é por que é coronel, é porque você desprestigia a direção da instituição”, afirmou ele.

O principal alvo do secretário na mudança era o número dois da corporação, o coronel José Alexandre de Albuquerque Freitas. Considerado um dos mais respeitados coronéis paulistas, era visto como o principal defensor da PM contra as interferências políticas na instituição e crítico de ações violentas.

Freitas era considerado um dos defensores do programa de clareiras corporais, dentro de uma política de redução da letalidade da polícia construída ao longo de anos pela PM. Para o diretor-presidente do Fórum de Segurança Pública, Renato Sérgio de Lima, a predileção de Derrite por coronéis oriundos da Rota indica uma política que opta pela força bruta em detrimento do uso da inteligência, devendo ser até, a pior opção.

“A Rota tem gente muito qualificada, mas que é treinada para ir para cima do problema e enfrentá-lo. A tecnologia pode selecionar melhor onde a Rota poderia atuar e como. Parece que a opção do secretário por enfrentar tudo e todos desconsidera evidências e responde apenas a lógica eleitoral”

Renato Sérgio de Lima, diretor-presidente do Fórum de Segurança Pública

secretário por enfrentar tudo e todos desconsidera evidências e responde apenas a lógica eleitoral”, disse.

O Ovidor da Polícia, Cláudio Aparecido da Silva, diz ver com preocupação as mudanças na PM, principalmente em meio a um dos momentos mais agudos na condução da segurança pública em nosso estado, quando a letalidade policial cresce e, especialmente, na Baixada Santista, “deixando um alarmante saldo de mais de meia centena de mortos em menos de dois meses”.

“Serem os legalistas, entram em seus postos, coronéis da Rota. A chave interpretativa para a troca pode estar nas palavras do número dois da corporação, enunciação neste ato, que declara que ‘saí com a consciência e as mãos limpas’. Espera-se que os entrantes façam eco a essa ideia de honradez e compromisso com o estado e a nação, e não uma ação entre amigos”, disse.

Quanto a mudança dos coronéis, a Secretaria da Segurança diz que a atual gestão “reconhece e valoriza o trabalho dos policiais paulistas” e fala que movimentações de policiais fazem parte de uma rotina.

Desde o início do ano, uma série de promoções por mérito e movimentações de rotatório foi efetivada junto às polícias Civil, Militar e Técnico-Científica do estado. Tais medidas são planejadas e executadas a partir de critérios estritamente técnicos com o objetivo de aprimorar constantemente a atuação policial e reforçar a segurança de toda população”, diz a nota.

Três são presos sob suspeita de ajudar fugitivos de Mossoró

Raquel Lopes e Ana Pompeu

MOSSORÓ (RN) e BRASIL. Três pessoas foram presas sob suspeita de ajudar na fuga de dois detentos da penitenciária federal de Mossoró, a 286 km de Natal. As buscas pelos fugitivos chegaram ao nono dia. Dois dos detidos na operação foram presos em flagrante com armas e drogas, enquanto um terceiro estava com mandado de prisão e foi preso pela Polícia Federal em Quixabeirinha, em Mossoró. Um carro também foi apreendido pela polícia.

A investigação já trabalhava com a hipótese de que a dupla tivesse recebido ajuda fora do presídio. Isso, inclusive, teria motivado o cerco realizado na quarta (21) na cidade de Baraúna (a 135 km de Natal).

Os fugitivos são Rogério da Silva Mendonça, 36, conhecido como Tatu, e Delson Cabral Nascimento, 34, chamado de Delson. Segundo as investigações, eles são ligados ao Comando Vermelho (CV).

De acordo com informações



Viatura usada na busca pelos fugitivos da penitenciária de Mossoró. (Foto: J. Almeida/Thomaz/Ag. O Globo)

da 8ª Vara Federal de Mossoró, um homem foi preso por volta das 17h de quarta-feira (21). Ele mora na cidade, foi preso em casa e não apresentou resistência. A suspeita é de que ele teria prestado “auxílio material” aos dois fugitivos, para ajudá-los a sair de onde estavam. Não teria sido, no entanto, em forma de dinheiro.

O preso também não teria qualquer vínculo com a penitenciária e a ajuda teria sido apenas após a fuga, segundo os investigadores. A integração da decisão está em sigilo para preservar as investigações.

A busca pelos dois detentos chegou ao nono dia nesta quinta-feira. Segundo agentes que atuam na área operacional, as equipes trabalham em um raio de 15 km, com o empenho integrado de todas as forças de segurança federais e estaduais. Parte da região de Baraúna está incluída nesse raio.

Policiais têm enfrentado diferentes desafios na operação, como buscas em cavernas e matas, presença de

animais peçonhentos e chuvas frequentes.

Novos policiais têm chegado quase todos os dias à região. Já são cerca de 250 envolvidos, segundo o ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski. Na segunda (20), o ministro autorizou o emprego de mais cem homens da Força Nacional nas buscas.

A investigação aponta que os dois fugitivos usaram uma barra de ferro retirada da estrutura da própria cela para escavar o buraco da luminária pelo qual conseguiram escapar.

Ao adentrarem em um shaft (espaço ao lado das celas destinado à manutenção do presídio, onde estão localizadas máquinas e tubulações), alcançaram o teto do sistema prisional, que não tinha grade, laje ou sistema de proteção.

O presídio estava passando por uma reforma interna, havendo operários e ferramentas que possivelmente estavam espalhadas e ao alcance dos fugitivos.